

Antonio Henrique: nova aventura de cores e formas

Recentemente quando visitamos a boa exposição "Contrastes" que Lourdes Cedran organizou no Paço das Artes, reunindo 4 artistas do Rio, ouvimos um ralo de conversa entre dois rapazes que excitavam um trabalho de Vilma Martins: "Muito certinho, é pintura acadêmica".

Este fato nos veio à lembrança porqu coasta semelhante aconteceu durante as discussões em torno do X Salão de Arte Contemporânea de Campinas, na sede da Pinacoteca do Estado, no começo deste ano. Um artista (de certo nome) falou a quem-que-quis, a Antonio Henrique que no momento fazia uma preleção sobre seus trabalhos que suas bananas eram acadêmicas, iguázinhas em forma e cor às bananas.

Vale a pena tocarmos neste assunto porque há uma enorme confusão por aí (mesmo entre artistas) entre pintar bem (no sentido da técnica aprendida) e capacidade de reproduzir com realismo aquilo que é pintado e acadêmico.

Não se pode confundir as coisas. Acadêmico é adotar os impermissíveis, é clichê e a hostilidade a todo e qualquer novo valor estético, frente à incapacidade de criar ou recitar, tenha ou não outras virtudes de ordem técnica. Pintar bem, portanto, nada tem a ver com acadêmico.

Sensibilidade e capacidade técnica são dons diferentes que podem andar separados (há excelentes pintores que são máscaras artísticas) mas nada impede que andem juntos. Este é o caso de Vila Martins e de Antonio Henrique.

Antonio Henrique que inaugurou na 5ª feira sua importante exposição na Bonfígoli, disse que pintar bem acadêmico em arte significa o estereotipo, coisa gasta e envidada por tempo e pelo uso.



As telas atuais de AHA, com presença de vegetação exuberante, guardam ainda resquícios de bananas e garfos do fase anterior.

Ele prossegue: "Existe pintura figurativa que é acadêmica e pintura figurativa que é inédita, que propõe questões estéticas e éticas pertinentes a uma época e lugar, esta minha pintura não é acadêmica, é contemporânea e viva. Existe pintura abstrata feita por mais artistas e que é estritamente acadêmica, vídeo-tapes acadêmicos, certo tipo de arte de vanguarda de 2ª mão que é emmen-

termente acadêmica, gasta, clichê puro".
"O acadêmico pode estar em todos os tempos. Depende do artista. Não basta utilizar novos materiais para se fazer uma arte nova. E preciso usar a visão atual, atual. Pode haver o caso de se ver uma exposição de arte conceitual acadêmica e uma exposição de pintura de vanguarda".

Antonio Henrique encerra o assunto: "Minha pintura atual eu anterior não tem nada de acadêmica nem é realista ou hiper-realista".
"E não 'enquadrado' minha pintura, não. Não se trata de moldurar. Os rótulos não têm uma significação".
"O verdadeiro artista e o criminoso têm ambos algo em comum: grande pavor de serem 'enquadrados' pela Lei ou numa corrente estética. O ideal do delinquente é inventar um crime não previsto por Lei, anteceder à assim, cometer o crime, dele se beneficiar e ficar impune".
"O artista também pretende com seu trabalho anteceder-se a 'leis', percorrendo com seu trabalho um caminho inédito e original".
"A catalogação e os rótulos aprisionam, castram a eficácia cultural da obra. Rotular um artista é domesticá-lo e limitá-lo. Principalmente um artista em pleno trabalho e desenvolvimento, como é o meu caso. E de muitos outros. Depois que a gente morre e para de trabalhar, aí talvez seja possível tentar entender a obra total e situá-la em seu tempo e lugar e, então, didaticamente catalogá-la de qualquer forma e, uma tolpe, pois não acrescenta nada à obra".
"Acho ótimo que não me cataloguem nem me namatam. Ou que tenham dificuldade em fazê-lo".
Os trabalhos recentes de Antonio Henrique (da fase pós-bananas) agora exibidos lá foram vistos, alguns, no ano passado, no Centro de Estudos Maculnina e na Pinacoteca do Estado em artigos deste ano. Expostos agora na galeria Bonfígoli, as telas, de tamanho grande, estão à venda a preços que variam de 18 a 50 mil cruzeiros. São 20 dias de duração de 1975 e 1976.

noso têm ambos algo em comum: grande pavor de serem 'enquadrados' pela Lei ou numa corrente estética. O ideal do delinquente é inventar um crime não previsto por Lei, anteceder à assim, cometer o crime, dele se beneficiar e ficar impune".

"O artista também pretende com seu trabalho anteceder-se a 'leis', percorrendo com seu trabalho um caminho inédito e original".

"A catalogação e os rótulos aprisionam, castram a eficácia cultural da obra. Rotular um artista é domesticá-lo e limitá-lo. Principalmente um artista em pleno trabalho e desenvolvimento, como é o meu caso. E de muitos outros. Depois que a gente morre e para de trabalhar, aí talvez seja possível tentar entender a obra total e situá-la em seu tempo e lugar e, então, didaticamente catalogá-la de qualquer forma e, uma tolpe, pois não acrescenta nada à obra".

"Acho ótimo que não me cataloguem nem me namatam. Ou que tenham dificuldade em fazê-lo".
Os trabalhos recentes de Antonio Henrique (da fase pós-bananas) agora exibidos lá foram vistos, alguns, no ano passado, no Centro de Estudos Maculnina e na Pinacoteca do Estado em artigos deste ano. Expostos agora na galeria Bonfígoli, as telas, de tamanho grande, estão à venda a preços que variam de 18 a 50 mil cruzeiros. São 20 dias de duração de 1975 e 1976.

Henrique um grande espaço, particularmente a "Revista Mexicana de Arte", em cujas páginas Bertia Tarazona diz em certo trecho de seu texto: "Depois de Portinari, de Di Cavalcanti e outros, se espera uma arte emocionalmente brasileira, que bem pode ser de Amaral! Adiante diz, referindo-se ao quadro 'A casa de Maculnina', já da fase nova: 'concretiza (o quadro) outra grande etapa da arte epopéica da América Latina grande e pública na qual interveio o sobrenatural e o maravilhoso'".

Aperçu do artista dizer que não, boa parte de suas telas ainda nos fazem lembrar o trabalho de outros artistas detritos na boca de quem acabou de mastigar a "musa". Uma coisa é pintar para fora, o conceito da transformação da banana, que se deixa de ser banana na forma e passa a ser na boca, a garganta e visceras, elementos metafóricos vistos como que com o recurso de possantes lentes de aumento.

"Mas Antonio Henrique afirma... Mas trabalhos recentes de 1975 e deste ano, que compõem minha atual exposição na Bonfígoli, não são mais bananas (tematicamente). São produtos de novos processos de trabalho, novas necessidades vitais, porém, sempre pintando. Cores, formas, outras referências, coisas aprendendo a pintar. Continuo a aventura de conhecer procurando objetiva e subjetivamente saber de mim, meu mundo, minha vida".
"Quanto a detritos e cavidades bucais, isto é sua maneira de ver — disse nos 5 minutos subseqüentes — estão vendo florestal, visceras. Uns encontram poesia, outros agressão e outros ainda se referem à pintura em si, seus movimentos, cores, formas".
— (P.C.L.)

Concurso: procura-se o selo da boa forma

Licínio de Almeida, da Comissão de Fotografia e Designado Departamento de Artes e Ciências Humanas (demais membros são Claude Kobrinsky, presidente, Aurélio Flores, Dulce, Carneiro e Maureen Bissilati) deixou transparecer sua preocupação de seus companheiros, pelo desenho industrial (design) que anda meio relegado a segundo plano pela indústria brasileira, salvo poucas e honrosas exceções. Exceções que merecem reconhecimento, distinguidas e homenageadas pelo próprio Estado, através do "selo da boa forma" (que também é um incentivo), a fim de que não fiquem esquecidos no meio do mau gosto ou do gosto duvidoso.

A Comissão de Fotografia e Design é criada recentemente, de junho deste ano. Foi inicialmente chamada de Comissão de Fotografia e Arte Aplicada, denominação não muito feliz e ainda suscetível de controvérsias em outras áreas, principalmente de Arterização. A expressão Arte Aplicada foi substituída por Design, palavra esta sim, capaz de traduzir os objetivos da Comissão.

"Aparar ter sido criada por volta de junho último — disse Licínio de Almeida — tivemos que estruturar, antes de tudo, o regime que normatizasse nossas atividades. Por isso as iniciativas acabaram ficando um pouco atrasadas".

"Na parte de fotografia — continua — estamos fazendo um levantamento da memória do Brás, balneário tradicional que pouco a pouco está perdendo suas características originais. Um trabalho vasto, em profundidade, que vai inclusive, além da documentação, gerar um livro".

"Quando ao design, começamos pelo começo: a criação de um selo que será conferido ao que de melhor existe em desenho industrial, como 'atestado de boa forma'. Isso existe no Japão, na Inglaterra, nos países escandinavos".

"E nossa intenção também criar um selo em que se exibirá o melhor em matéria de forma. Como a Comissão não é executiva, daremos as sugestões para que outros órgãos levem a cabo o programa de valorização daquilo que é bom na área do design e daquilo que merece registro na área da fotografia. A semelhança do levantamento da memória do Brás, plano já aprovado e em fase de execução".

Como primeiro passo, o plano de desenho industrial, Conselho Estadual de Cultura do Estado instituiu o concurso "Selo da Boa Forma".

O regulamento foi publicado pelo Diário Ofi cial do Estado em 30 de outubro, dando o exigido prazo de 30 dias para a entrega dos trabalhos dos concorrentes. A Comissão de Fotografia e Design está tentando dilatar esse prazo, mas, por enquanto, a data limite para a entrega dos trabalhos continua sendo 30 de novembro.

O concurso "Selo da Boa Forma" visa à criação de um sistema gráfico integrado composto de: a) um elemento gráfico — símbolo e/ou logotipo — para utilização como selo de distinção dos produtos industriais que se façam merecedores; b) projeto de objetivando a ser usado pelos designers "dos produtos distinguidos com o 'Selo da Boa Forma'". Quem quiser mais detalhes e outras informações, deverá procurar a Comissão de Fotografia e Design, à rua Antonio de Godói, 88, 3º andar.
— (F.C.L.)

Nesta galeria o objeto é a escultura



Bruno Giorgi também está no "Skultura"

Tinha mais gente na inauguração da "Skultura", de Clara Paschowitz, Raquelina Calabrone e Sarah Taub Teperman, que em muito comício das últimas eleições. O trânsito chegou a parar nas imediações da Lorena com Augusta. A galeria — ao lado da tradicional Coque Velho — em dois pisos, parece uma mansarda parisiense, num belo projeto de Aurélio Flores. A galeria das esculturas, única no Brasil, é similar à "Alsonia" de Nova York; "Shendali" de Milão; "Le Point Cardinale" de Paris; e "L'Obelisco", de Roma, tem 3 finalidades: estimular o gosto do público pela escultura, promover os escultores e informar a crítica e os artistas sobre o que se faz em escultura no mundo. Bruno Giorgi (50 mil), Picasso (45, 45 mil), Segal (105 mil) e Brecheret (150 mil), as esculturas mais caras e expostas em vitrinas especiais. Mais elogiadas, as esculturas de Moriconi, Krafberg e Megumi Yuasa, utilizando elementos naturais. (LEMK.)

Waldemar da Costa: 40 anos depois



Waldemar da Costa em 1936; 40 anos antes.

Desde 1936 que Waldemar da Costa está em São Paulo, contratado de início pelo comendador Pereira Indício, fundador do grupo Voltarandim, para criar desenhos que pusessem seus tecidos fabricados em Sopocaba dentro do rigor da moda. Waldemar veio do Rio, trabalhou 15 dias e deixou o emprego. "Eles queriam, isto sim, que eu copiasse os padrões europeus... briguei e sai".
"Mas fiquei em São Paulo — disse

Waldemar — e até hoje, 40 anos depois, estou aqui".

Em razão desta data, um grupo de alunos atuais e antigos vai lhe oferecer um jantar no Clubinho dos Artistas, que ele próprio ajudou a fundar, há mais de 40 anos, fazendo parte da primeira diretoria.

Waldemar da Costa é parense de Belém. Nasceu em 1936, filho de pai português e mãe maranhense. Viveu algum tempo em Paris e em Lisboa, depois se transferiu indo para o Rio de Janeiro, quando foi convidado a trabalhar na Votorandim.

Morou, lecionou e pintou em ateliê que instalou no mesmo ano em Av. Angélica, esquina da praça Marechal Deodoro, prédio em que morava também Clóvis Graciano. "Sabe, o Clóvis foi o meu primeiro aluno em São Paulo. O Portinari escreveu a ele para que tomasse as aulas comigo. Graciano era ami-ssímico de um irmão de Portinari. Isso a razão da recomendação do grande artista que era meu amigo e companheiro de ateliê em Paris".

"Minha primeira exposição em São Paulo foi em setembro de 1936, com 32 quadros e a apresentação no catálogo de Guilherme e de Almeida".
"O poeta se sentiu iluzido com a obra do artista recém-egado: 'Só agora vai São Paulo cor decher um artista calmo, simples, íntimo de marcada personalidade. Wa demar da Costa, Brasileiro, viveu o tempo no estrangeiro. Tem, pois, a exaltada sensibilidade dos exilados'".

"Waldemar da Costa (que nunca deixou de ensinar e de pintar), está à espera de uma resposta do governo do Pará, que possivelmente vai promover uma exposição sua em Belém, comemorando também os seus 40 anos. O artista explicou: 'E que em 1936 também expus lá, levando ainda telas de Volpi, Bonaldi, Rebolo, Zanni e muitos outros prof. de arte de São Paulo'".

Com a vocação de professor, Waldemar da Costa em 1938 entrou para o Liceu de Artes e Ofícios, quando deu aulas a uma série de grande artistas hoje do maior renome. Seu primeiro aluno no Liceu foi Charoux e em seguida Pia Minghi. Depois vieram Maria Leo tina, Ianelli e todos os demais q ue se sabidamente foram seus discípulos, nos 16 anos que lá lecionou.

Depois do Liceu, deu aulas no Museu de Arte, duran te três anos, até 1956. Voltou então à Europa, demorando 10 anos em Lisboa, dando aulas e trabalhando na Embaixada do Brasil como assessor do Adido Cultural.

De volta a São Paulo o em 1966, Waldemar continuou a dar suas novas turmas de artistas. E, do início até agora, o tempo soma 40 anos. Uma existência. Um trabalho que merece homenagem.

Homenagem que vai ser no próximo dia 25 — um jantar entelizado de reminiscências de um grande artista. Exalunos e amigos que quiserem participar, é só procurar o Clubinho dos Artistas e dar a sua adesão. Que o mestre mereça. (F.C.L.)

Italianos e "orundi" no Paço aembu

Iniciativa séria e lou vável de uma concessionária de autor móveis Fiat — veículo de origem italiana, agora fabricado e lançado no mercado brasileiro — a de prom over, junto ao lançamento comercial, o novo carro, como elemento de ma rketng, uma exposição de arte reunido artistas

Italianos e "orundi" radicados no Brasil, vivos ou mortos.

A mostra dura até 11.º de dezembro, à av. Facembu, 194, e reúne Bonaldi, Ceschiatti, Volpi, Anita Malfatti, Arcangelo e Tomás Ianelli, Balloni, Bruno Giorgi, Cláudio Tozzi, Di Pretre, Penachi, Gerda Brentani, Flaminio, Cencini, Pancezzi, Lívio Abramo, Líria Palombini, Maria Bonomi, Nicola Guersoni, Paulo Rossi, Ozir, Pietrina Checacci, Vilma Pasquali e Vítorio Gobbi. A obra de Anita é de 1917, da famosa exposição severamente criticada por Monteiro Lobato. Trabalhos à venda, informa a organizadora Diná Lopes Coelho. (LEMK.)



Figura de cera preta, feita pelo próprio professor de promoste, encontrada no Santuário de Nossa Senhora Aparecida.

A sala Arte e Devção Brasileira, na Bienal, apesar de montada com certo ar e dificuldades de toda ordem, tem sido muito visitada, no 3.º andar — onde, agora, se instala, a nova secretaria da Bienal.

"Revelação" que revela pouco



O arquiteto Fichal faz está meduso com espelho e papel

A exposição "Revelação", no Paço das Artes, revelou muito pouco. Tratam-se de artistas novos que segundo divulga o próprio Paço representam, "uma visão panorâmica das atuais perspectivas e tendências de novos artistas plásticos brasileiros".

Esta apresentação sugere uma série de pintores e desenhistas que pretendem balancar o correto das artes visuais. Mas não. É isto mesmo. Eloy Araújo, Blanca Suarez, José Roberto Pires de Oliveira, Guilherme de Oliveira Godoi, Júlia Szekely e Simeon Fichel.

"E onde, dia 24, 'Ciccilo' Matarazzo recebe, de Itamaraty, a Comenda da Ordem de Rio Branco, no Grau de Grão Oficial). A sala reúne mais de 100 peças de ex-votos colhidos em S. Paulo, Rio e Minas Gerais ex-votos em forma de escultura e pintura, algumas destas de invulgar qualidade plástica. Ao contrário do que se noticiou erroneamente, a sala está aberta ao público, com presença, principalmente, de estudantes e pesquisadores".

A sala de ex-votos foi idealizada e realizada por dois pesquisadores e museólogos argentinos, Iris Gori e Sergio Barbieri, que, a convite do Itamaraty, percorreram e selecionaram em igrejas e santuários populares ex-votos de cera, na cor natural ou colorida, totalmente desconhecidos, retratando figuras humanas, animais, pernas, pés etc. E também ex-votos talhados em madeira, feitos com cimento e cacos de azulejo, além de raras pinturas colhidas em Congonhas do Campo (Santuário Bom Jesus dos Matosinhos) de grande valor plástico, datadas dos séculos XVIII, XIX e II (iniciais).

Alguns desses ex-votos pintados são de autores desconhecidos e outros, de artistas profissionais que pela primeira vez são registrados, a exemplo de José H. de Oliveira, da cidade de Buargue, em Minas Gerais; Sérgio Barbieri e Iris Gori — que, no ano passado, realizaram exposição idêntica de ex-votos argentinos, no MASP, com apresentação do prof. F.M. Bardi — já regressado a Buenos Aires, para ressumir suas funções diretivas na Universidade local e Museu Nacional de Artes Visuais. Voltaram enriquecidos e desanimados com a má vontade encontrada para com sua importante e pioneira pesquisa de caráter socio-religioso-anthropológico por parte da direção da Bienal. (LEMK.)

Do gravador e pesquisador Dasilva, já conhecidos trabalhos anteriores, publicados desde 1941, sobre gravuras e gravadores em madeira, especialmente do pioneiro de Carlos Oswald. Mas neste livro, "Arte maior da Gravura" que teve a participação gráfica de Marcelo Grassmann, Orlando Dasilva realizou um criterioso levantamento da história da gravura através dos tempos, desde 1500, porém, até os dias de hoje e um estudo sobre a gravura brasileira, fixando-se especificamente na obra de três mestres, Carlos Oswald, Lívio Abramo e Marcelo Grassmann.

O simples enunciado do índice de assuntos tratados na obra, diz de sua importância: "a gravura como 'arte', "o original e o falso", "a assinatura nas obras de arte", "o papel, o impressor e a cópia", "os estados", "as provas, a numerada", "história da técnica", "As técnicas, suas características", "xilogravura, gravura em metal, aquarela, estêncil mista, a não gravura, serigrafia ou silk-screen", "Breves notas sobre as origens da gravura brasileira" e "O autor gravador Marcelo Grassmann".

"Arte maior da gravura", com prefácio de Paulo de Tarsos Santos e apresentação do crítico Jacob Klintonow, é um livro de alto nível técnico que ensina os colecionadores de gravura a distinguir o bom do mau, o autêntico do falso, o legítimo e o enganoso. Um verdadeiro "Vade mecum" da gravura (LEMK.)

ARTES VISUAIS. Ano III, n.º 112. Editor, Luis Ernesto M. Kawall. Editor de O. C. Lemos; diagramador, Jair de Oliveira. Dominicil.